

# CONTRA OS QUEERS, MARCHAR, MARCHAR! AGAINST THE QUEERS, MARCH ON, MARCH ON!

FERNANDO CUROPOS\*

**RESUMO:** Nos finais do século XIX, os republicanos portugueses vão tentar abalar a monarquia praticando um verdadeiro *gay bashing* contra algumas figuras do governo. A homofobia torna-se um elemento de ataque político para demonstrar “a degenerescência” da monarquia. Embora a igreja também fosse um alvo, em Portugal, os ataques raramente foram *ad hominem*. No entanto, a publicação de *O bispo de Beja* (Santos Vieira, 1910), vai alimentar tanto o anticlericalismo republicano quanto a homofobia, constituindo um texto eminentemente queer por dar visibilidade a uma sexualidade não normativa, já presente na literatura erótica e pornográfica publicada em Portugal ao longo do século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** pornografia homossexual, homofobia, *O bispo de Beja*, anticlericalismo.

**ABSTRACT:** At the end of the nineteenth century, the Portuguese republicans try to shake up the monarchy doing a real *gay bashing* against some members of the government. Homophobia becomes an element of political attack to demonstrate the degeneracy of the monarchy. If the church was also a target, in Portugal, the attacks were never *ad hominem*. The publication of *O bispo de Beja* (Santos Vieira, 1910), will add homophobia to republican anticlericalism. Though, this text reveals to be queer, exposing a non-normative sexuality, already present in the erotic and pornographic literature written in Portugal during the nineteenth century.

**KEYWORDS:** gay pornography, homophobia, *O bispo de Beja*, anticlericalism.

---

\* Professor Associado do Departamento de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Université Paris-Sorbonne, França.

Os historiadores dão como ponto de partida de uma maior difusão e mediação das questões relativas à homossexualidade o julgamento de Oscar Wilde, “o predestinado da Perversão” (VILLA-MOURA, 1912, p. 258), como o apelidará o Visconde de Villa-Moura, em 1912. No que diz respeito a Portugal, mais do que “o pederasta inglês, o genial Oscar Wilde” (HOMEM-PESSOA, 1980, p. 7), é um homem político, D. José de Menezes e Távora Rappach da Silveira e Castro, Marquês de Valada (1826-1895), que virá dar corpo e cara à figura do homossexual recém-inventada pela medicina psiquiátrica. Na noite de 2 de agosto de 1881, o nobre foi “surpreendido pela polícia na Travessa da Espera, n° 63, 1°, em repreensíveis libidinosidades com um soldado” (Monteiro 188); “a autoridade soltou o conhecido político, mas prendeu o militar envolvido e a dona da casa, onde tudo se teria passado” (CARVALHO, 2010, p. 150). Ora, o marquês era, na altura, “governador civil substituto de Lisboa, uma das vozes mais conservadoras do Partido Regenerador na câmara alta e amigo pessoal do rei” (CARVALHO, 2010, p. 150).

Os jornais republicanos apoderam-se do caso para abalar o poder e a monarquia, inscrevendo o marquês “numa tradição secular, a do conselheiro exercendo a sua má influência, o seu poder corruptor no corpo do Estado, no sentido literal e figurado” (MURAT, 2006, p. 264): “o caso era tanto mais grave e escandaloso porque o marquês de Valada era um importante par do reino, o que demonstrava a ‘valia moral’ da câmara que acabou por ditar o fim do governo progressista” (CARVALHO, 2010, p. 150). Até a sua morte, o marquês será alvo de ataques *ad hominem*, e associado, nas caricaturas que lhe dizem respeito, a outro representante do poder político, o recém-nomeado (em 1895) Ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Ernesto Hintze Ribeiro, Carlos Lobo d’Ávila (1860-1895), alcunhado de Carlota, no meio republicano. Só a morte precoce do Ministro, em 1895, impedirá que os jornais da época façam dele um novo Marquês de Valada.

Assim, é de notar que a homofobia se torna uma arma de combate político e a homossexualidade associada, pelos republicanos, a uma nobreza degenerada. Não é portanto de estranhar o sucesso de *O Barão de Lavos*, primeiro romance português a falar abertamente de homossexualidade masculina, publicado em 1891, por um republicano convicto, Abel Botelho.

Logo, a encenação de sexualidades não normativas na ficção, na poesia satírica e no teatro de revista da época ou a denúncia de casos nos jornais, têm

uma função ideológica, a de associar a “degenerescência moral e sexual” com a própria degenerescência de um regime moribundo e anacrônico: a monarquia. Daí o jornal republicano *A Vanguarda* apelar a limpar a “Lisboa devassa”:

Demasiada até se tornar criminosa tem sido a condescendência havida até hoje para um sem número de abjetos, de pervertidos, que, sendo homens, não merecem esse nome.

Que a condescendência se transforme em severidade, se isso não é impossível, se os que têm o dever de ordená-la podem efetivamente fazê-lo.

É o que a imprensa deve exigir, ao ocupar-se desta escandalosíssima podridão. (*A Vanguarda*, 1895, p. 2)

Embora o jornalista não mencione o nome do Marquês de Valada, nem o do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Carlos Lobo d’Ávila, os leitores poderão reconhecê-los nesses “pervertidos [que] exercem honrosíssimos cargos” (*A Vanguarda*, 1895, p. 2).

Já no início do século XX, o romance *Marquês da Bacalhoa* (1908), de António Albuquerque, terá o mesmo sucesso que *O barão de Lavos*. Publicado dois anos antes da proclamação da República, já estava na sua 5ª edição em 1912, e além de ter sido traduzido para espanhol, como o livro de Botelho, também será vertido para francês (FRANÇA, 2002, p. 8). Caricatura grotesca do governo de João Franco, da corte e da alta burguesia gravitando à volta do poder, *Marquês da Bacalhoa* funciona como um romance *à clef*, tão transparente, que será proibido e vendido clandestinamente. Trata-se, portanto, para Albuquerque, de encenar os fantasiados amores lésbicos da rainha D. Amélia (1865-1951) e da sua dama de honor, a condessa de Figueiró, D. Josefa de Sandoval y Pacheco (1859-1919), fazendo do boato, uma arma política.

Além dos republicanos portugueses não gostarem nem de reis nem de *queens*, também não gostavam de padres. Defendiam a separação da Igreja e do Estado, e os ataques contra esta instituição, pilar da monarquia, tinham sido, até a data, de ordem geral, e nunca *ad hominem*.

No entanto, poucos meses antes da proclamação da República, os ataques passam a ser frontais, visando um alto dignitário da igreja portuguesa, D. Sebastião Leite de Vasconcelos (1852-1919). Este padre inovador, zeloso da diocese do Porto, é nomeado bispo da cidade de Beja em 1907, e toma posse do novo cargo

no ano seguinte. Começa então uma luta cerrada entre o bispo e dois padres que dirigem o seminário da cidade alentejana, os “irmãos Ançã”, acusados pelos seminaristas de maus tratos. D. Sebastião demite os dois irmãos, “José Maria e Manuel Ançã, sem o beneplácito do governo. Estes dois padres acusavam o bispo de ilegalidade [...]. A Igreja pretendeu justificar-se com o argumento de que os Ançã eram proprietários de um bordel” (VALENTE, 2006, p. 56). A polémica azedou e “o primogénito (poeta erótico nas horas vagas) [...] replicou que D. Sebastião lhe fizera propostas desonestas, de natureza homossexual” (VALENTE, 2006, p. 56). Os republicanos tiram proveito do caso para lançar boatos acerca da vida privada do bispo, atacando assim a Igreja.

Para acirrar a contenda, o editor Santos Vieira, escritor panfletário anticlerical, lança sob o pseudónimo de Homem-Pessoa, o seu opúsculo, *O bispo de Beja*, no qual foca a suposta vida “depravada” e *contra natura* de D. Sebastião. Acusa o governo monárquico de encobrir o caso, e escreve uma carta acusadora ao “Ministro da Justiça e Negócios e Sodomia Eclesiásticos”:

Alvitro que se faça exame patológico  
 Na pessoa do chefe episcopal de Beja,  
 .....  
 Melhor do que ninguém um médico é que deve  
 Constatar se é verdade o que diz o Ançã:  
 .....  
 Se ele o ânus tiver infundibuliforme,  
 Se tiver abertura involuntária, enorme,  
 Do *orrificium ani* e incontinência alvina  
 ... e se mostrar a ausência  
 De pregas radiais e a degenerescência  
 Do esfíncter, por atónico e relasso,  
 É, certo, um pederasta, um nojento devasso  
 (HOMEM-PESSOA, 1980, p 5-6)

Homem-Pessoa aconselha ao Ministro um exame médico-legal para o bispo, para comprovar o “crime”. Pelos vistos, o autor era leitor confesso dos trabalhos do médico francês Auguste Ambroise Tardieu (1818-1879) e do seu afamado *Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs* (1858). Ora “as descobertas

*sensacionais* de Ambroise Tardieu, embora refutadas por numerosos colegas ao longo dos anos, marcar[am] duravelmente médicos, legisladores e escritores populares, prontos a comentá-lo, a citá-lo sem espírito crítico – ou a copiá-lo, pura e simplesmente” (MURAT, 2006, p. 116), como no caso do futuro prêmio Nobel de medicina português, António Egas Moniz (1874-1955), e isso, 44 anos depois das elucubrações de Tardieu: “A deformação infundibuliforme do ânus é o único sinal que verdadeiramente marca a pederastia” (MONIZ, 1902, p. 189-190).

A segunda parte de *O bispo de Beja* é também composta por uma carta, do mesmo teor. No entanto, num jogo de espelho com a realidade social vivida pelos queers, reproduz o modo operatório de muitos das cartas de denúncia às quais tiveram (ou têm ainda) que fazer face os homossexuais, em todas as latitudes:

Julgando interessar-lhe o informe precioso  
 Incluso nesta, tencionei ir a Lisboa  
 Falar-lhe. Refleti depois: o dispendioso  
 Da viagem e o sentir a precisão extrema  
 De indeclinar, por ora, a minha identidade,  
 Forçam-me a vir dizer-lhe a impressiva verdade  
 Nesta carta sincera, anónima, blasfema.

.....  
 Ora ouça: há já um mês que eu não perco um instante  
 Que não seja em buscar contemplar em flagrante  
 O D. Sebastião. Pois apanhei-o hoje.  
 Vi tudo. Repugnante!  
 (HOMEM-PESSOA, 1980, p. 9)

Esse flagrante delito vai ser descrito ao pormenor e transformar a carta anónima num verdadeiro relato pornográfico *gay*, apoiando-se num dos *topoi* desse género literário, a cena observada por um terceiro escondido:

O bispo vem tapar com um grosso tecido  
 O orifício em que espreito – o meu observatório –  
 Não importa. Se ele o é também eu sou finório:  
 Com um lápis desvio, arteiramente, o pano,

Dáí a pouco, e, céus!, vejo isto: o pax-juliano

.....

Mordiscando o lapuz, em onomatopeias

De gata prostituta; e, sempre em vaivéns ledos,

Fricciona-lhe o membro inquebrável, com os dedos,

.....

Até que sai da rubenta

Cratera do meato a lava seminal

Que o túmido vulcão testicular dispara

Muito abundantemente.

Então gemem gritinhos

E suspiros nubis, mutuando carinhos;

E o bispo goza assim a perversão erótica

(HOMEM-PESSOA, 1980, p. 11)

Porém, num dispositivo muito ao gosto da literatura pornográfica, só se trata de preliminares. Pois o bispo fantasiado por Homem-Pessoa é uma “gata” com cio. E, logo a seguir, o *voyeur* anônimo convida-nos a contemplar outra cena, capital, por mostrar o caráter aberrante de D. Sebastião. Depois de Onan, Sodoma:

Volvida meia hora, o prelado desperta

Do seu desmaio igual aos sonos de morfina.

... E, desatando aos beijos

Ao rapaz, numa ânsia irrevogável

E sob esse obsessivo império de desejos

Que domina o *passivo* (a balda deplorável

Que o faz negar o sexo) implorou-lhe, terníssimo,

Que se despisse todo.

.....

E o bispo afaga o órgão genital

Do *ativo*, forte como a durindana

.....

E indo ao leito buscar uma caixita

De vaselina bórica,

Emprega-a como sói o sodomita:

Unta o ânus com ela e unta o pênis do moço,  
 ... O bispo, então cicia: “Ai! Todo, sim?!...” e, pondo  
 O solidéu, encosta a cabeça à parede;  
 O hércales aciona e, ao volume redondo,  
 O esfíncter bispal, de pronto, cede.  
 (HOMEM-PESSOA, 1980, p. 12-16)

É de notar que, nesse relato pornográfico, o autor estabelece uma nítida distinção, sublinhada pelos itálicos, entre “*o passivo*” e “*o ativo*”. Este último é caracterizado de maneira positiva (tem tudo do Apolo grego), e em total oposição com a descrição do bispo. Esse é o avesso desse viril “hércales”, logo, o seu retrato “invertido”:

... o corpo do lapuz,  
 De vigor muscular, contorno perfeitíssimo,  
 Tem o relevo herculizado e augusto,  
 A beleza viril dos moços dos ginásios;  
 Tem enérgico o busto  
 E o peito, varonil, rijo como balázios,  
 .....  
 E, em lívida nudez, o corpo prelatício  
 Nauseia. Atrofiado e com essa atitude  
 Ridícula que dá o cultivo dum vício,  
 É bem o do *invertido* em toda a plenitude.  
 (HOMEM-PESSOA, 1980, p. 13)

À distinção ativo/passivo, o anticlerical e republicano Homem-Pessoa acrescenta uma diferença de classe social. O “*invertido*”, além de ser eclesiástico, pertence à elite, de quem compartilha os “requisites dum gosto luxuriado” (HOMEM-PESSOA, 1980, p. 13). Quanto ao “*ativo*”, é um homem do povo, “um moço camponês” (HOMEM-PESSOA, 1980, p. 12) simples e sadio, pervertido pelo bispo. Aliás, o autor dá a entender que se submete aos desejos do prelado unicamente por necessidade:

O rústico, porém, ergue-se e, já vestido,  
Despede-se do bispo a quem pede a “contrata”.  
Percebo tudo, então: é o esforço vendido  
Do sodomita mercenário ao *invertido*.  
Dá-lhe o bispo, a sorrir, seis moedas de prata.  
(HOMEM-PESSOA, 1980, p. 17)

Sendo assim, temos que o opúsculo de Santos Vieira se inscreve numa tradição de escritos pornográficos de temática homossexual, apagada pela história literária, como a de cariz heterossexual aliás (CUROPOS, 2016, p. 107-119), e de que *O barão de Lavos* seria a vertente mais visível e tolerada, por ser homofóbica. De facto, o romance de Botelho retrata ele também os amores “do sodomita mercenário ao invertido”, não deixando, porém, de dar a ver cenas picantes e de ser um relato da vida *gay* da época. Se tanto esse romance naturalista quanto *O bispo de Beja* chegaram até nós e tiveram uma publicidade enorme na época, é por serem uma produção dóxica, visando condenar os atos retratados e quem os pratica. No entanto, é de notar que a homofobia dos finais do século XIX e início do século XX, alimentada pelos republicanos, é uma construção recente. Pois a prostituição masculina nem sempre foi censurada como se depara à leitura de textos anónimos portugueses publicados em 1860, em Paris:

Despesa de uma punheta de *toilette* feita por um puto aristocrata

Por endireitar e esfregar a porra.....25  
Por limpar e aromatizar o prepúcio...15  
Por envernizar e desbastar o pentelho...30  
Pelo trabalho de abanar os colhões, e fazer cócegas no rabo...45  
Pelo trabalho de reanimar o caralho, e dar-lhe consistência córnea...40  
Por correr a lombada do mesmo com a língua, e dar-lhe uma imersão na boca 100  
Pelo ter deixado encavar no cú, saindo limpo e sem cheiro...120  
Por lhe extrair toda a goma e resina que continha.....45  
Por suspirar no ato da esporradela...60  
Pelo lavar em água de cheiro, passá-lo por uma toalha de linho, e reduzi-lo ao seu estado normal...120  
Soma manipulação de tão excelente traste....600  
(*Almanak Caralhal*, 1860, p. 62)

Outros textos, anteriores à “invenção da homossexualidade” (FOUCAULT, 1998, p. 39), dão a ver uma Lisboa altamente libertina e aberta aos amores não normativos no masculino:

Lavra o prazer bastardo; eis Madragoa,  
Eis Taipas e Cotovia em abandono,  
Rara pica nas bordas já se assoa:

E perdeu tanto a voga o pobre cono,  
Que até certo taful viu em Lisboa  
Um gato sodomita, um cão fanchono.  
(CARVALHO, 1852, p. 152)

Se para António Lobo de Carvalho (1730-1787) Lisboa já era, no século XVIII, uma “nova Sodoma”, no início do século XX, passa a ser uma “cidade de pederastas”, com os seus lugares de engate e de prostituição (CUROPOS, 2016, p. 43-58), nem sempre ao gosto de todos:

Fujo do Terreiro do Paço e do Rossio, porque ali o fanchono me aparece em todas as formas, com todas as cores extravagantes, com todas as ridicularias que acorrentam o homem a este monstro chamado sacana – mulher artificial que faz mil trejeitos, que dá o cú a quem lho paga, que pega sem repugnância em mil caralhos, que se rebaixa à vil condição de ser escravo de um homem que lhe dá alguns vinténs. (*Almanak Caralhal*, 1860, p. 364)

Aliás, os lugares de engate homossexuais passam a estar, na segunda metade de novecentos, sob vigilância policial. O que lamenta um “vate fanchono”, num poema anónimo abertamente homossexual:

Para fugir à polícia,  
Que é dos vivos acoite,  
Fiz os seguintes versinhos  
Entre o silêncio da noite.  
[...]  
Apolo a musa me inspira,

Vem meu estro bafejar  
Para excelsa punheta  
Em altos versos cantar.

Não deixes, vate que aspira  
À honra de ser fanchono  
Ficar sem fama, nem glória  
No desprezo e abandono.  
(*Elogio à punheta*, s.d., p. 3)

O poema, que tudo indica ser posterior a 1886<sup>1</sup> acaba aliás, não só por um “elogio à punheta”, ato sexual considerado no Portugal de oitocentos de cariz essencialmente homossexual, mas também por uma afirmação do orgulho “fanchono”:

Mas Apolo que a punheta  
Já cantou ao som da lira  
Não permite por mais tempo  
Que eu d’arpa as cordas fira.

Obedeço: Adeus, punhetas,  
Adeus putos e fanchonos.  
Guerreai na minha ausência  
Quem for devoto dos conos.  
(*Elogio à punheta*, s.d., p. 14)

O fanchono e o sacana são, portanto, personagens visíveis na Lisboa da segunda metade do século XIX, como o é o putto, figura, na época, tão tradicional quanto a varina, e que os poetas não deixaram de cantar:

---

<sup>1</sup>Na quadra 22, é evocado, com verbos conjugados no passado, o rei D. Luís de Baviera (1845-1886). Esse poema teve pelo menos duas edições, o que mostra o seu êxito. A edição que possuímos não tem indicação de lugar de publicação nem data. No entanto, o exemplar presente na coleção da biblioteca de Harvard indica um editor fictício, mas visivelmente entendido no assunto: *Elogio à Punheta. Queixumes de um guarda-portao. O Frade Vicioso*. Pariz: Typographia Afanxonada, s.d.

## Sonhando

Na praça deserta, que a lua branqueia  
Que mimo! Que graça, que puto meu Deus!  
Tão airoso! Ao vê-lo, meu ser devaneia  
No peito sufoco os hábitos meus!

Não corras na praça  
Não corras assim!  
Ó puto, onde vais?  
Tem pena de mim!

E o mimoso puto do meu coração  
Num longo soluço, tremeu e parou;  
Beijei-o nas faces, peguei-lhe na mão  
E a mão nevada na porra pousou!

Que tens ó meu anjo  
Que tremes assim?  
Cansas-te, meu puto?  
Tem pena de mim!

Levei-o para uma casa, que próxima estava  
Deitei-o numa cama, bem fofa e macia  
Despiu-se oh! Que bimba tão bela e engraçada  
Já o meu caralho em ânsias tremia!

A porra entrou  
No cú de cetim!  
Mexe-te ó puto  
Tem pena de mim.

Mexeu-se, nas bimbadas que níveo suor!  
Que mover gracioso no lânguido leito!  
A porra fogosa entrou com furor

Pulsava de gosto ansioso meu peito.

Está quieto puto  
Não bulas assim!  
Ó puto mimoso  
Tem pena de mim.

E a porra crescia no belo cú entrando  
As bimbis nevadas moviam de leve!  
E eu senti a langonha suave banhando  
O cú fedorento do puto de neve!

No cuzinho entrando  
Não bulas assim;  
Está quieto o puto  
Que eu já me vim.  
(*Almanak Caralhal*, 1860, p. 41-43)

Embora o poema seja pornográfico, não deixa de retratar um amor à primeira vista, concreto e nada ideal, bem longe do seu hipotexto, o ultrarromântico “Sonhando”, do escritor brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852). Estamos, portanto, perante uma versão paródica homossexual de uma composição de um autor canônico, exemplo de um humor *camp*, que vem não só comprovar a existência desse tipo de produção, mas também dar a ver uma verdadeira cultura homossexual na Lisboa de oitocentos. Sendo assim, os chavões românticos do amor dilacerante e impossível, da mulher anjo ou fatal de que Almeida Garrett (1799-1854) será o grande cultor em Portugal, são subvertidos de uma maneira radical, deixando ver outros amores, esses impossíveis de cantar por serem socialmente condenados:

### Revelação

Meu querido, vem comigo  
Para um sítio sozinho;  
Vem depressa, ó anjo meu,

Vou dizer-te um segredinho.  
Tu tens medo? – oh! Não tenhas  
Vem comigo, meu anjinho.

Oh! é tão lindo o teu rosto,  
Branco, qual fino cetim:  
As rosas de tuas faces  
Que belas te ficam assim!...  
Ah! Tu não és cá da terra  
És do céu, gentil qu'rubim!

– Eis-nos chegados – Agora  
Dá-me a tua nívea mão:  
Sentemo-nos; oh! Que encanto  
Que tão suave paixão;  
– Vou dizer-te um segredo  
Que trago no coração.

– Vês este caralho? – Vejo.  
Não achas bonito? – Sim.  
Então, anjo da minh'alma  
Depressa, anda, pega aqui –  
Oh! Que suave gostinhos  
Volve teus olhos p'ra mim.

Basta, prazer, doce vida  
Basta, que já m'esperrei,  
Olha, aqui tens o meu lenço  
Limpa as mãos que te sujei.  
Toma agora seis vinténs,  
Mais merecias, bem sei.  
(*Almanak Caralhal*, 1860, p. 170-171)

À leitura da versão paródica do poema de Álvares de Azevedo, 7 anos depois da publicação póstuma do seu livro *Lírica dos vinte anos* (1853), podemos afir-

mar que existiu um diálogo transatlântico queer, “homopaisagens” luso-brasileiras, como lhes chamou Anna M. Klobucka (KLOBUCKA, 2016, p. 91). Aliás, temos que esse poema, lido em sincronia, funciona como uma espécie de *outing* do autor que uma certa crítica mais recente tem vindo a sair do armário (TREVISAN, 2000, p. 250-253).

Se centenas de “sodomitas” portugueses foram degredados para o Brasil colónia, alguns continuaram a emigrar para as terras de além-mar até o século XX. Daí, para entendermos melhor a construção da homossexualidade no Brasil no século XIX, importa estabelecer elos de ligação com o que acontecia em Portugal, tanto a nível social quanto literário. De facto, o personagem homossexual Albino, do romance *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, só se pode entender tendo em conta o seu ‘primo’ português, Libano, o Libaninho do romance *O crime do padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós. Quanto ao enredo de *Bom crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, é de notar que se inspira, em parte, no caso do alferes Marinho da Cruz “que assassinou por ciúmes o eleito e partícipe de seus anseios lascivos (MONTEIRO, 1922, p. 196). Pelos vistos, os ‘frescos’ lusos também descobriram o Brasil e por lá ficaram, ao ponto dessa palavra ter desaparecido por completo do léxico do país que a viu nascer para continuar viva a sul do Equador.

## Referências

- A Vanguarda*, 14 de fevereiro de 1895, p. 2.  
 ANÔNIMO. *Almanak Caralhal*. Paris: s.n., 1860.  
 ANÔNIMO. *Elogio à punheta*. Lisboa (?): s.n., s.d.  
 ANÔNIMO. *Elogio à punheta. Queixumes de um guarda-portão. O frade vicioso*. Paris: Typographia Afanxonada, s.d.  
 ANÔNIMO. Lisboa devassa. *A Vanguarda*, p. 2, 14 fev. 1895.  
 BRANDÃO, Raul. *Memórias – Tomo II*. Lisboa: Relógio d’Água, 1999.  
 CARVALHO, António Lobo de. *Poesias joviaes e jatyrícas*. Cadix: s.n., 1852.  
 CARVALHO, Mariano Cirilo de. *O poder oculto do liberalismo progressista (1876-1892)*. Alfragide: Texto Editores, 2010.  
 CUROPOS, Fernando. *L’Émergence de l’homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*. Paris: L’Harmattan, 2016.  
 FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1998.

- FRANÇA, José-Augusto. Introdução. In ALBUQUERQUE, António. *Marquês da Bacalhoa*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2002, p. 7-17.
- MONIZ, António Egas. *A vida sexual, II. Patologia*. Coimbra: França Amado Editor, 1902.
- MONTEIRO, Arlindo Camilo. *Amor sáfico e socrático*. Lisboa: Instituto de Medicina Legal de Lisboa, 1922.
- MURAT, Laure. *La loi du genre*. Paris: Fayard, 2006.
- PESSOA, Homem (pseud. de Santos Vieira). *O bispo de Beja*. Lisboa: &etc. 1980.
- KLOBUCKA, Anna M. As homopaisagens de António Botto. *Iberic@l*. Paris, n. 9, Printemps 2016. Disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2016/05/Pages-from-Iberic@l-no9-printemps-2016-9.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- VALENTE, Vasco Pulido. *Um herói português: Henrique Paiva Couceiro*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2006.
- VILLA-MOURA, Visconde de. *Nova Sapho. Tragédia extranha*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1912.